

AS DIFERENTES FACES DAS TICS NA ERA PÓS MODERNA: RUPTURAS ÉTICAS À CONSTRUÇÃO DA AUTENTICIDADE

Celestino Piedade Chikela¹

Resumo

O tema que se perfila discutir é deveras actual, actuante, interessante e com uma premente necessidade de ser abordado desde o ambiente universitário angolano, pois, trata-se de revelar as vantagens que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) apresentam ao homem contemporâneo, sem no entanto deixar de elucidar as quezílias apoquentadoras que empolga, resultando, desde esta óptica, no quesito diferentes faces que as mesmas ostentam na pós modernidade, assim como as rupturas éticas daí resultantes, exigindo, *ipso facto*, uma releitura crítica para a construção da verdadeira autenticidade, atendendo que no mundo contemporâneo e, sob a capa ofusca das TICs, as pessoas banham nas águas turvas da falsidade, a verdade é relativa, a honestidade mede-se pela esperteza e o bem depende das circunstâncias. Daí resulta a questão de partida: como construir a autenticidade no contexto das faces ocultas das TICs? O objectivo a que se circunscreve a presente reflexão prima em descrever as diferentes faces das TICs na era pós - moderna e, para sua concreção foram aplicados métodos silogísticos como o Conceptualização, Problematização e Argumentação (CPA). O estudo propõe uma ética da autenticidade baseada em disciplinar o egocentrismo e desenvolver o altruísmo.

Palavras-chave: Faces, TICs, era pós-moderna, rupturas éticas e autenticidade.

Abstract

The theme that we intend to address is really current, active, interesting and with a pressing need to be addressed from the Angolan university environment, because it is about revealing the advantages that ICTs present to contemporary man, but without failing to elucidate the rejuvenating chezilies it thrills, from this point of view the different faces they bear in

¹ Licenciado em Psicologia e Filosofia; Pós graduado em Ética e Deontologia da Educação; Filosofia da Educação e Metodologia de Investigação Científica pela Universidade de Ciências Pedagógicas Enrique José Varona – Havana/Cuba e Doutorado em Ciências Pedagógicas pela mesma Universidade, na Especialidade de Filosofia e História da Educação. Docente da Escola Superior Pedagógica do Bié na Categoria de Professor Auxiliar. E-mail- piedadechiquela@gmail.com

postmodernity, as well as the resulting ethical disruptions, ipso facto requiring a critical rereading for the construction of true authenticity, given that contemporary world, and under the soft cover of ICT people bathe in the murky waters of falsehood, truth is relative, honesty is measured by cleverness, and good depends on circumstances. This gives rise to the starting question: how to build authenticity in the context of the hidden faces of Information and Communication Technology (ICTs)? The purpose of the present reflection is to describe the different faces of ICTs in the post modern era and, for its realization, syllogistic methods such as CPA (conceptualization, problematization and argumentation) were applied. The study proposes an ethics of authenticity based on disciplining egocentrism and developing altruism.

Keywords: Faces, ICTs, postmodern era, ruptures

Prestimoso Professor Catedrático Inácio Valentim; Digno Director Geral do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, A Escola do Huambo;

Egrégios Directores Adjuntos para Área Pedagógica e Científica;

Estimados Professores desta casa do saber;

Amáveis Convidados;

Digníssimos estudantes que coloris este átrio científico;

Minhas senhoras e meus senhores.

É com grande euforia e sentimento de tamanha satisfação e incontível júbilo que tomo a palavra para balbuciar neste magno evento científico, sobre as **DIFERENTES FACES DAS TICS NA ERA PÓS MODERNA: RUPTURAS ÉTICAS À CONSTRUÇÃO DA AUTENTICIDADE**. Mas antes, quero reflectir convosco sobre alguns princípios das lições **Chikelianas** como: o princípio do silêncio para o reencontro pessoal e social, da oração para sabermos olhar um pouco para o alto, da saudação para sermos mais humanos e do agradecimento que nos faz homens grandes.

INTRODUÇÃO

“Sicut aurora scientia lucet” (A ciência brilha como a aurora).

Começo com esta passagem latina que simboliza a beleza da sapiência que exala e expande a ciência advinda da sede da busca do saber racional das origens, que não se contenta com o conhecimento, mas sim, se enamora pelo saber, pois que à luz do catedrático Inácio Valentim, na sua obra *Contra a Pedagogia* expressou “o saber enobrece-nos e o conhecimento

empobrece-nos porque torna-nos divinos mortais sem possibilidade de ressurreição. O saber humaniza-nos mas o conhecimento artificializa-nos; o saber torna-nos temerosos do advir, do além e do eternamente incerto, mas o conhecimento banaliza tudo que é essencialmente ontológico; o saber é paciente é benigno e é caridoso, mas o conhecimento é apressado e é violento com quem não sabe” (Valentim, 2019, p.14)

O texto anteriormente expresso, inspira a dicotomia entre o saber e o conhecimento, que ao mesmo tempo inspira a dicotomia produzida entre as benesses que as TICS oferecem na mesa do saber hodierna e as misérias que concomitantemente acarreta consigo no tempo que se chama hoje, na era pós-moderna que podemos caracterizar como a era das incertezas (Handy, 1996), a era da enfermidade da razão (Horkheimer), a era da morte do eu e da coisificação do outro, a era das relações humanas descartáveis, pois se valoriza mais a relação robótica dos lobos que teclam clamando comamo-nos uns aos outros, a era do egocentrismo exacerbado e doentio, a era da banalização da privacidade, a era do “é proibido proibir”, a era da consciência inconsciente, a era da falsidade pois a autenticidade é “frauda descartável” no mercado da corrupção dos valores, a era das controvérsias, a era do funeral do *sacro*, a era da inteligência artificial, a era da morte súbita da solidariedade/caridade pois está relegada à sacristia no mercado da competitividade digital e a era das águas turvas dos valores humanos fundamentais.

É em virtude destas eras, eivadas de poeiras sociais que inspiram, expiram e respiram caducidade que quero reflectir, **hic et nunc**, isto é, aqui e agora convosco, sobre **AS DIFERENTES FACES DAS TICS NA ERA PÓS-MODERNA: RUPTURAS ÉTICAS À CONSTRUÇÃO DA AUTENTICIDADE.**

DESENVOLVIMENTO

A UNESCO (1996) enfatiza que as TICs, apesar de criarem enormes expectativas nas sociedades actuais, fizeram do mundo um lugar “multirrisco”, em virtude das barbaridades que têm produzido e, que em abono da verdade, têm criado certa ruptura com os padrões da boa convivência social. Produziram a banalização da vida e a corrupção do homem.

Por isso, excelências permitam-me partilhar convosco uma estória ligada aos jovens do século XXI e as TICs.

Certo dia os jovens de uma cidade chamada “ninguém” reuniram-se sob presidência do jovem «Ondiango». - Na reunião o presidente da mesma elucidou o seguinte: «caros jovens e amigos, os mais velhos andam a atrapalhar a nossa vida; para eles tudo que fazemos está

errado. Eles andam ultrapassados no tempo e no espaço, portanto, vamos ultrapassá-los de uma vez por todas. O jovem Tchissola retorquiu: - «Como assim?» - O Ondiango respondeu, “vamos matá-los todos” e continuou. “Já temos energia, água, ciência, tecnologia, internet, redes sociais, meios de transporte, televisão, satélites, robôs inteligentes, telefones digitais, e tudo para sermos felizes sem necessitar dos mais velhos». - Todos clamaram em uníssono «viva»! - «Boa ideia». - Então ele orientou que cada um pegasse uma moça a fim de matar todos os mais velhos da sua casa, «enterre-os, pois pertencem ao passado e à tradição e tragam somente as roupas ensanguentadas como símbolo». - Havia um jovem chamado Ekulihiso que chegando em casa pensou consigo «não matarei os meus mais velhos pois são a minha enciclopédia viva». - Por isso, foi guarda-los numa fazenda bem fechada com todas as condições necessárias para a sua sobrevivência. Chegando lá imolou alguns cabritos e ensanguentou as roupas dos seus progenitores que levou consigo para servir de símbolo. No dia combinado, todos apareceram com as roupas e então elegeram o presidente da cidade onde era “proibido proibir”. Marcaram uma grande festa, a festa da independência dos mais velhos caducos que foram ultrapassados. Chegando o dia da festa houve muita música, muita bebida alcoólica, muitas drogas ilícitas, meninas com “chuxuados”, meninos com boxers, danças, sexo livre pois ninguém priva ninguém na cidade. Mas de repente o ambiente ficou insonso, pois uma grande serpente fez-se à festa para proibir a algazarra. Atou o corpo inteiro do presidente astuto e robusto, colocando a cabeça em frente do rosto, tudo parou, o ambiente festivo ficou constrangedor, a felicidade ficou ofuscada por uma lagoa sem água... Todos estavam indignados, pois não sabiam o que fazer. Quando procuravam aproximar-se a serpente ameaçava engolir a cabeça do líder frívolo. O jovem Ekulihiso pensou consigo, vou à fazenda perguntar aos meus mais velhos o que fazer. Correu tanto, numa espécie de “velocidade furiosa” chegou até lá e disse: «papá e mamã temos um grave problema na cidade. O nosso líder está amarrado por uma serpente e está prestes a morrer. O que faço para libertá-lo?» - Os pais sorriram tanto e disseram unanimemente: «as crianças actuais não sabem mesmo nada. Isso é algo muito simples de resolver». - O rapaz ficou estupefacto. «O que farei então?» - A mãe disse-lhe, «filho, pegue um grilo e coloque-o numa cabaça. Quando estiveres próximo da serpente sacuda a cabeça e quando o grilo cricrilar automaticamente a serpente despertará o vosso companheiro e fugirá». - O jovem fez como foi recomendado e chegando na cidade aplicou a técnica que resultou em pouco tempo. O jovem chefe ficou livre do perigo. Todos questionaram: - «onde foste aprender isso?» - Ele respondeu, - «nas minhas enciclopédias vivas. Eu não fui homicida dos meus pais, pois sabia que “quem não ouve conselho não chega a velho” e mais “na boca do mais velho pode sair dente podre mas nunca

palavras podres”, “ninguém te ensina a burrice é porque você já era tolo. Então eu fui lá nos mais velhos buscar esta lição que as TICs não nos fornecem».

“ Os mais velhos nunca passam de moda”. Por isso, Cícero afirmou: “ *a história é mestra da vida, quem ignora os erros do passado está condenado a repeti-los; quem desconhece as virtudes dos antigos não tem modelos a imitar*”.

E mais, devemos ter em consideração que: ter ciência não é sinónimo de ser culto; diploma nem sempre é conhecimento; usar a Internet não é ter ciência, teclar não significa ser civilizado; saber é virtude e deve ser utilizada para o benefício colectivo.

Por isso, José Martí enfatizou “Ser culto es el único modo de ser libre” e Santo Agostinho de Hipona alertou “ Conheça-te, aceita-te e supera-te”.

Prezados convidados, a história que contamos elucida muito bem a realidade do nosso tema. Ante os múltiplos desafios do futuro, a ciência e a tecnologia, surgem como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, do progresso social, da liberdade e da justiça social. Não como um remédio milagroso, nem como um *abre-te sésamo* de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as opressões, as guerras, segundo Hottois (1991), constituem um grito de grande esperança da humanidade, mas que também podem transformar-se em uma desilusão sem a perspectiva ética, como diria Rabbellais (1992): “Ciência sem consciência não é mais do que senão ruína da alma”.

Globalização, Modernidade, pós modernidade e utilitarismo

Vivemos numa época em mudança e numa mudança de época, fruto do desenvolvimento contínuo e galopante que assistimos hodiernamente em todos os domínios da vida social, graças aos avanços tecnológicos apadrinhados pela globalização, que faz do mundo uma pequena aldeia global, que nos dá a possibilidade de termos o mundo nas mãos sem, no entanto, sairmos de dentro da nossa casa. Porém, devemos prestar atenção de que a sociedade globalizante tem um risco de uma cultura relativizadora dos valores. É válido o que for útil. Sem pôr em sombra, nem tão pouco ignorar a cultura da globalização, precisamos de nos precaver das suas forças demolidoras da individualidade da pessoa enquanto razão que justifica e dignifica toda a sociedade. O carácter secularizante da globalização aparece com o projecto do humanismo renascentista (Nicoló Macchiavelli), e iluminismo progressista dos enciclopedistas (François Marie Arouet Voltaire) e como compêndio destes aparecem as profecias de Nietzsche, Marx e Freud, que relativizaram muito os valores absolutos e a mensagem destes passou a ser acolhida pelos utilitaristas como “**boa nova da pastoral do**

mundo” que veio libertá-los da angústia da moral tradicional e religiosa e da civilização da humanidade. Disto não escaparam as sociedades cujas políticas são herança proveniente das culturas de países que adoptaram tais correntes e com as quais se estabeleceu forte amizade ideológica. Daí resultou um divórcio entre a política e a moral, entre a fé e a cultura, enfim uma cultura relativizada, porque os valores são relativos. A verdade é relativa em vez da verdade surgem as verdades; não se pode mais desmentir nem falsificar pela verificação, porque a falsificação é na realidade uma nova verificação. O erro nunca é actual enquanto vive é verdade e enquanto morre não existe mais como erro e é superado como **verdade mais**. À luz de Russell (2005, p. 262), a modernidade caracterizou-se, antes de tudo, pela ruptura com a religiosidade e pela emergência do racionalismo. A partir do século XIV, o poder papal sofreu rápido declínio, uma vez que as pessoas começaram a ousar pensar em Deus à sua própria maneira. São claras as palavras de Condorcet, “não é Deus que criou o homem, foi o homem quem criou Deus”. Também Friedrich Nietzsche em *Assim falava Zarathustra* afirmou “Deus está morto”, acusou a decadência do cristianismo e, ao mesmo tempo, denunciou a substituição da “crença em Deus pela crença na razão”. O autor em destaque prenunciou os primeiros abalos do racionalismo e a angústia que se abateria sobre os homens diante da insuficiência da ciência e da razão. (Nietzsche, 1999, p. 239). Mas o homem pode deixar de pensar em Deus, Deus nunca deixa de pensar no homem; aliás, o homem ao coisificar Deus e adorar a sua razão como ente supremo, pode desenvolver o mundo, manipulando a natureza, pode correr o risco de ser ele mesmo o manipulador manipulado. Daí que à luz de Rabelais (s.d) “Ciência sem consciência não é mais do que senão ruína da alma”.

René Descartes (1596-1650) com o seu “cogito ergo sum”², é considerado o fundador da filosofia moderna, pois concebeu um sistema filosófico grandioso à maneira dos antigos filósofos gregos. Em *O Discurso do Método*, expôs os preceitos a serem seguidos para se fazer bom uso do equipamento racional: “nunca aceitar coisa alguma, salvo ideias claras e distintas”. (Ibídem, p.314).

A modernidade foi e ainda é a idade do progresso, pois marcou o período de maior desenvolvimento da humanidade em todos os seus aspectos. Guiados pela razão e desapegados dos freios impostos pela religião, os seres humanos lançaram-se em busca de um futuro de plenas realizações. O racionalismo precipitou a sociedade humana definitivamente na Era da Modernidade, a qual se caracterizou pela busca do desenvolvimento, pelo

² Alocução latina que significa “Penso logo existo”.

individualismo, pelo utilitarismo e pelo positivismo em todos os campos da actividade humana: na indústria, nas artes, na filosofia, na ciência e na ética. (Dos Santos, R., 2011, p.20).

No plano, a Modernidade caracterizou-se pela valorização do indivíduo, isto é, pelo individualismo, em contraposição ao absolutismo estatal que domina o período anterior. Na Idade Moderna, o poder dos imperadores e do Papa entrou em crise, principalmente em razão do enriquecimento da burguesia, de modo que as monarquias absolutas logo se transformaram em monarquias constitucionais; os imperadores foram sujeitos a constituições que asseguravam algumas garantias e direitos individuais. (Ibidem, p.20). A modernidade é que deu azo à ciência aliada à técnica, fazendo nascer assim a tecnologia.

Ciência e tecnologia: aproximação conceptual

A ciência é o conjunto de conhecimentos válidos, rigorosos, precisos e experimentais dos fenómenos da natureza. Qualquer conhecimento racional elaborado a partir da observação do raciocínio ou da experiência. Seu objecto é de descobrir e enunciar as leis dos fenómenos naturais. (Durozoi e Roussel, 2003). A fé exagerada na ciência cria o cientismo- atitude dogmática que no prolongamento do movimento positivista do século XIX fazia da ciência um sistema fechado e absoluto, capaz de resolver todos os problemas colocados ao homem.

A tecnologia vem de **tékné** (arte, técnica), estudo dos procedimentos técnicos (utensílios materiais) na sua relação com o desenvolvimento de uma civilização. No sentido antigo o substantivo técnica designava o conjunto dos procedimentos de uma profissão ou uma arte, codificados e transmitidos, que permite um efeito considerado útil. Na Filosofia Moderna a técnica evoca antes um conjunto de procedimentos deduzidos de um conhecimento científico que permitem aplica-lo. Em Filosofia da Educação, a técnica é o modo de transformar o mundo através das habilidades e dos instrumentos. (Fullat, 2002).

A técnica é a maneira mais aperfeiçoada de fazer as coisas. A ciência baseia-se no método científico pelo qual chegamos a um conhecimento não dogmático sempre passível de novas pesquisas e reformulações. A técnica é a aplicação dos conhecimentos na prática. (ibidem).

Os estudos das Ciências e Tecnologias são definidos por Bazzo, Lisingen & Pereira (2003) como um campo de trabalho académico cujo objecto de estudo são os aspectos sociais da ciência e da tecnologia. Surgiram no início dos anos 1970, com objectivo de compreender a dimensão social da Ciência e da Tecnologia (CT), seus antecedentes sociais bem como suas consequências sociais e ambientais. Busca-se a caracterização social dos factores responsáveis pela mudança científica e propõe-se entender a ciência e tecnologia como processo/produto social em que elementos como valores, convicções, cultura, interesses pessoais e políticos

e/ou pressões económicas são factores decisivos na consolidação de ideias científicas e na gênese dos artefactos.

A ciência e a técnica fazem do homem um semi deus, na auscultação e exploração dos fenómenos da natureza. Daí que clama o salmista “Quem é o homem para que dele vos lembreis?...fizestes dele quase um ser divino, de honra e glória o corastes”. É com elas que o homem consegue artodoar a mãe augusta da natureza, a terra, para o seu próprio benefício. Vejamos as diversas explorações como a agricultura, pecuária, caça, petróleo, diamante, mercúrio, ferro, abate de árvores etc, tudo começou com a racionalidade do homem enquanto *homo spaiens* que por ser “sapiens sapiens” (duas vezes sábio) artodava a natureza tornando-se “*homo faber*”, que transforma a natureza mas ao fazê-lo, também prejudica o meio ambiente sendo “*homo bellicus*” ou “*brutalis*” sendo que desprovido da ética.

Daí exorta Jean Rostand (1992) “a ciência fez de nós deuses antes que merecéssemos ser homens”; Conhecer tudo está aí, a vida é feita para se saber e sem o conhecimento ela não valeria apenas ser vivida. Marcelin Berthetol atribuiu à ciência e tecnologia a missão de organizar as sociedades humanas; Já Renan animava-se pela fé suprema na ciência e no progresso do saber racional, profetizando a época em que a ciência substituiria a filosofia e a religião. De notar que a ciência e a tecnologia nos criam muita água na boca, pois que constituem um *vade mecum* de todas as nossas realizações na actualidade. No entanto, é de notar que elas para lá de salvar a humanidade de seus males, podem criar na humanidade grandes males, uma vez desligada da ética e do seu verdadeiro papel de humanização. Tal é o advento do período da globalização. A sociedade globalizante tem um risco de uma cultura relativizadora dos valores. É válido o que for útil.

Isto explica-se porque à luz de Mondin, (1993, p.43), “A nossa cultura e a nossa sociedade, geraram um homem que cresce sempre de mais nas suas necessidades (na sua maior parte fictícios mas extremamente dispendiosos) mas não nas suas qualidades morais; crescem nas esferas do ter, do poder e do prazer, mas não naquela esfera da verdade e da virtude. E assim temos um homem opulento e de gozar a vida, e não um homem virtuoso e sábio. Temos muita gente instruída, mas pouca gente sã entre a instrução e formação, há um grande abismo. Nas escolas aprendem-se tantíssimas coisas: as pessoas tornam-se computadoras e robots, sempre mais perfeitos, mas não se aprende a ser homens. Os desvios mostraram como são tão raras as pessoas honestas. A pessoa honesta é aquela que sabe distinguir o bem do mal, a legitima retribuição do furto, o justo lucro da burla, o direito do delito. Quando as estrelas dos valores absolutos são eclipsadas, a pessoa afoga-se nas trevas da caverna: a inteligência fica cega, a consciência esvazia-se e a honestidade torna-se uma palavra privada de significado”.

TICS: conceitos, vantagens e desvantagens

TICs, Tecnologias de Informação e Comunicação. Expressão utilizada pela primeira vez pelo britânico Dennis Stevenson em 1997. Designa o conjunto de recursos tecnológicos que proporcionam um novo modo de comunicar na era digital e da Globalização. Ainda pode designar os meios tecnológicos usados para tratar a informação e auxiliar a comunicação: computadores, rede, hardware, celulares etc. Permitindo a inclusão digital na era das comunicações virtuais.

Características:

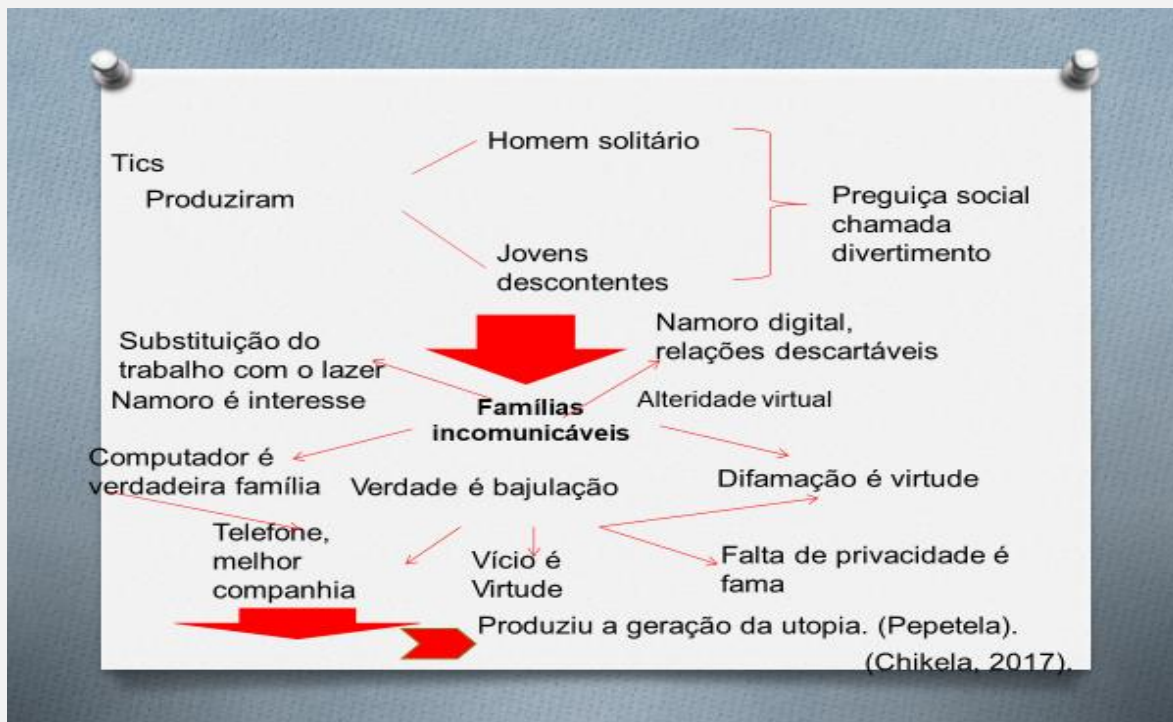
Agilidade, horizontalidade e capacidade de manipulação do conteúdo da comunicação e informação.

Vantagens: Permite a inclusão digital, isto é, base da sociedade da informação e do conhecimento, permite a fácil e rápida comunicação, encurtando as distâncias. **Cria oportunidade**, isto é, facilita o trabalho e a vida do homem em sociedade. Faz do mundo uma pequena aldeia global. Publicita os bens e serviços. Cria a internacionalização do conhecimento.

Desvantagens:

As Tics hoje se transformaram em uma aberração científica e cultural da nossa juventude, Cancro devastador dos nossos valores ético-morais. Água turva e miserável das nossas virtudes e tradições. A ignorância de utilizar as Tics com responsabilidade está provocando nos jovens a falta de consciência cidadã e patriótica. Também podem constituir a gravidez precoce dos males sociais da sociedade pós-moderna. Produz a falta de privacidade. Lugar de assédio sexual; Lugar de **DIFAMAÇÃO** das figuras públicas e de banalização das instituições estatais, desrespeito ao pudor, lugar de cometer ou planificar crimes e incentivar a juventude a comportamentos antissociais, contrários à harmonia social, fábrica do crime da burla. Inibe as relações sociais saudáveis: próximos *online* mas afectivamente distantes.

No contexto educativo, Valentim (2019), enfatiza que as redes sociais são uma mais-valia para todos, pois ajudam a confrontar a verdade do professor com a verdade das redes sociais, desde que, seja usada com o intuito de trazer a verdade para fora, partilhá-la e humanizá-la. (p.13). Mas o autor ainda apela que o problema é que a ausência de critério do justo, do honesto, do sensato, acaba por comprometer o espaço educativo das redes sociais, pois que “virou em muitas circunstâncias, o espaço de desforra do ignorante, o espaço de opinião de quem só pode produzir opinião, isto é, o conhecimento que não é conhecimento, apenas *doxa*”. (Ibidem, p.14).



Importa destacar aqui que no que diz respeito à solidão, Valentim (2019, p.14), refere-se a dois tipos de solidão: “a solidão sociológica e filosófica. A primeira remete-nos para o banal que somos, espaço da comunhão com a nossa esterilidade visível mas que preferencialmente é habitada pela moral negativa, a moral do silêncio ou pela moral que diz o contrário do que deve dizer, porque diz apenas para alegrar, para satisfazer. A segunda, a filosófica, remete-nos para o lugar do eu, o meu lugar, o espaço de mim comigo mesmo, este espaço que as redes sociais não chegam”.

As diferentes faces da TICS no contexto das lições Chikelianas

Presente na publicação de Chikela feita no Jornal de Angola, no dia 8 de Setembro de 2017, sobre as cinco faces das TICs, lições para a juventude, exige-nos apresentar o seguinte:

A primeira face das TICs reside na desculpabilização permanente, criando a ideia de que os culpados são sempre os outros e nós somos sempre vítimas. Gasta-se muito tempo na internet, estuda-se pouco e quando se é reprovado, o professor é mau e culpado. Estamos a ser vítimas de um longo processo de desresponsabilização. Usamos as TICs para desabafar, caluniar e não para nos formar, informar e educar. A segunda face radica da ideia de que o sucesso não nasce do trabalho, nasce da esperteza. Por isso usamos as TICs para fabricar mentiras e burlas. Quem burla é esperto, quem rouba é inteligente. Urge mudar o quadro. A terceira face das TICs gira em torno da falsa identidade, a pedagogia da forma: aparecermos sempre mais lindos, mais ricos, mais jovens, mais fortes que tendem a

proclamar: “abaixo a pobreza”. Alimentamos a mentira e a falsidade. Aproveitamo-nos das TICs para se ser mais: mais belo, mais rico, mais academicamente forte, mas sem sermos nós mesmos, criando uma ideia paradoxal de que mudar a imagem muda a realidade. Criamos o “Dans Man” homem anónimo segundo Heidegger ou o jovem com Síndrome de Pensamento Acelerado (SPA) à luz de Cury. Nutrem-se o preconceito e a vergonha de ser pobre e instalam-se arraiais no culto das aparências. Perde-se a autenticidade, pois a falsidade vale mais na beleza oculta das TICs. O estatuto do cidadão nasce dos sinais que o diferenciam dos mais pobres e a pressa em mostrar que não se é pobre é, em si mesma, um atestado de pobreza. (Conta-se a história de um pai que por usar perfis falsos, assim como a sua própria filha, chegaram de ter um namoro virtual e certo dia combinaram encontrar-se num hotel. O pai no quarto de boxer, a filha chegou bateu a porta para entrar e logo o pai abriu, deu conta que era sua própria filha, apanhou AVC e acabou por morrer no hospital. Cuidado com a falsidade nas redes sociais) Aí reside o pior erro das faces ocultas das TICs. A quarta face das TICs é a passividade e insensibilidade perante o drama do irmão que sofre ou que se acidenta mortalmente. Choramos perante um filme de drama e até fazemos links ou simplesmente comentários, mas perante o outro, o homem moderno perde a sensibilidade porque é simplesmente um homo faber (fazedor), ludens (lúdico) e loquens (falador). Até a morte do outro o torna divertido. A enfermeira ao invés de tratar os doentes, está no facebook. Chora quando morre a actriz, enquanto deixa morrer o irmão que está ao seu lado. É urgente nutrir de sentimentos humanos e humanizadores que edifiquem a sociedade e reconheça no outro, a pessoa na verdadeira perspectiva ontológica. A quinta face tem a ver com “mimetismo exacerbado”. A ideia de que para sermos modernos temos de imitar os outros, é apanágio das gerações dos dias que correm. Criam-se relações virtuais de familiaridade e aos poucos acreditamos que temos laços e dançamos nos braços de 50 cent, JaRule ou Bernice Burgos. A televisão e a internet encurtam-nos distâncias e alimentam-nos as intermináveis fantasias, a droga dos tempos modernos. E a indústria cultural do ocidente diz-nos: “não compre apenas, sejam como nós”. Então imitar é virtude quando não se produz nada. Daí a preguiça científica e criacionista nos dias de hoje e, sobretudo no contexto universitário angolano. Estas cinco faces contraditórias são autênticas máscaras da verdadeira autenticidade da pessoa, que já não fale por si, pois isso, o id, fala por ele. É apenas uma máscara teatral e jamais personalidade. Há sim uma verdadeira ruptura com a ética, a moral e os valores. Por isso, exige-se a alfabetização para as Tics ou alfabetização digital, para se dominar a cultura da utilização correcta e responsável das tics. E como enfatiza Morin (2005, p.207), como “a barbárie humana está incluída no próprio coração das nossas civilizações”, é preciso

a ética, pois, “ a resistência à barbárie humana é a resistência à malvadez triunfante, à indiferença, ao cansaço”.

O autor enfatiza a necessidade da auto-ética, enquanto aprimora dois mandamentos categóricos “disciplinar o egocentrismo e desenvolver o altruísmo” no mundo contemporâneo, onde das cinzas do “homem lobo do outro homem” possa renascer o “homem amigo do outro homem” com o rosto da paz nascente das fontes da educação.

Daí que a ética prime seu categórico em “fazer o bem e evitar o mal”, isto deveria ajudar para que as pessoas sejam autênticas, realistas e honestas. Assim, a ética deve constituir-se em novo projecto educativo, da *humanitas* assente nos direitos humanos, na verdadeira *Paideia* platónica, pois para Kant “somente pela educação que o homem se torna homem”.

Edgar Morin (2002) elege a ética como uma aliada incontornável no futuro da humanidade, salvaguardando a prioridade do género humano. Desta feita, o ensino actual deve conduzir a uma “**antropo – ética**”, isto é, a ética propriamente humana, de assumir a humana condição de indivíduo – sociedade – espécie na complexidade do nosso ser (p. 114). O autor ainda enfatiza que a **antropo - ética** é a chave para assumirmos a missão antropológica do milénio assente em:

- Trabalhar para a humanização da humanidade;
- Efectuar a dupla condução do planeta: obedecer à vida, guiar a vida;
- Realizar a unidade planetária na diversidade;
- Respeitar ao mesmo tempo, no próximo, a diferença e a identidade consigo próprio;
- Desenvolver a ética da solidariedade;
- Desenvolver a ética da compreensão;
- Ensinar a ética do género humano.

CONCLUSÃO

A ética é a única via possível para se encurtar as distâncias entre a sociedade que temos e a que almejamos. Ela ajuda na mudança do comportamento e na construção da autenticidade plena que revela a responsabilidade de um indivíduo e não a consciência enturvecida, na era das TICs. Ela procura encontrar o consenso necessário entre o tradicional e o moderno, o sacro do profano, o tirano do justo, o selvático do cívico, o bárbaro do bondoso. É uma espécie de reencontro pessoal e social necessária para a antropeugogia da política educativa

angolana. Ela deve ajudar a retirar os frustrados letrados, os intelectualóides aberrantes da sua condição de consciência coisificada, caduca, corrupta, corruptante e corruptora.

Só assim as tics se vão transformar em ferramentas para o bem, para pensar o bem, para fazer veicular o bem, para amar o próximo, respeitá-lo e não difamá-lo, contribuindo desta feita para a promoção da paz, da harmonia e do bem-estar social.

À guisa de conclusão: o homem é caniço pensante, deve usar os frutos da sua racionalidade com razão, deve dominar as TICS e não o contrário, deve ter moralidade, sem ela nenhuma conquista científica vale.

Referências Bibliográficas

Chikela, C. P. (2017). *A juventude e as tics: a era da globalização e a preservação dos valores sociais. busca de uma cultura da convivência harmoniosa*. Palestra realizada no Cuito Bié e promovido pelo Governo, 12 de Agosto de 2017.

Chikela, C. P. (2017). *As cinco faces das TICs, são lições para a juventude*. Artigo de opinião. Jornal de Angola, 8 de Setembro de 2017.

Cury, A. (2003). Pais Brilhantes, Professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante Delors, J. (1996). Educação: um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o séc. XXI. Editora Porto.

Durozoi e Rouseel (2013). Ciência e Tecnologia. S. Paulo: Paulinas.

Freire, P. (s.d). *Educação como Prática da Liberdade*. 5ª edição. Lisboa: Dinalivro Lda.

Fullat, O. (2002). *Filosofias de la Educacion o Paidea*. Madrid: CEAC.

Handy, C. (1996). *A Era da Incerteza*. Portugal: edições CETOP

Mondin, B. (1993), *Rifare l'uomo*. Roma: Dino Editore, Roma.

Monteiro, A. Dos R (2001). *O Direito à Educação*. Lisboa: Escolar editora.

Morin, E. (2002). *Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur* (Os Sete Saberes Para a Educação do Futuro). tradução de Ana Paula de Viveiros. Lisboa: Instituto Piaget.

Morin, E. (2005). *O Método VI: Ética*. Publicações Europa-América. Portugal: Biblioteca Universitária.

Morra, G. (1996), *Postmodernità o crisi della modernità?* 2. Ed. Milano: Armando Editore.

Nietzsche, F. W. (1991). *A ciência Gaia, Livro V, nós sem medo, Assim falou Zaratrusta*. 2ª ed. Tradução de Rubem Rodrigues. S. Paulo.

Pinto, V. (2005). *Era das TICs*. S. Paulo.

Rabelais, F. (s.d). *Pedagogia e Comunicação*. Paris.

Rostand, J. (1992). *Epistemologia das Ciencias*. Lisboa.

- Russel, B. (2004). *História do pensamento ocidental*. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Santos, R. B. Dos. (2011). *A tutela jurídica da afectividade. Os laços como valor jurídico na pós – modernidade*. São Paulo: Jurua editora.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, 1º volume-Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Valentim, I. (2014). *DAVID, ou sobre os valores da educação estética: análise de uma teologia da consciência*. Huambo: ISPSN. Instituto Superior Politécnico Sol Nascente.
- Valentim, I. (2019). *Contra a Pedagogia. A difícil tarefa de ensinar a ensinar: Lições de Filosofia da Educação e de Teoria da Educação no Instituto Superior Politécnico Sol Nascente*. SN: Angola.